

ILAN BRENMAN

ABRACADABRA
DE ONDE VÊM
AS PALAVRAS? ☆

- Leitor em processo – 2º e 3º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Tom Nóbrega

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “*quer*” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.”
A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

ILAN BRËNMAN

ABRACADABRA DE ONDE VÊM AS PALAVRAS ?

- Leitor em processo — 2º e 3º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008) seu *best-seller*. Muitas de suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

RESENHA

Há quem diga que a mágica palavra *Adacadabra* surgiu depois que a cabra Carmencita engoliu a poção mágica mais valiosa do mundo. E que a palavra *alface* surgiu depois que um garoto árabe traquinas cobriu a cara de seu tio com uma folha macia de cor verde claro. E que a palavra *árvore* teria sido inventada por um certo botânico holandês chamado Frans Post, ao observar a monstruosa agilidade com que a velha Clotilde trepava em troncos altos para ganhar o jogo de pega-pega que travava com o neto Renato. E, ora, por que a palavra *calma*

não poderia ter surgido do nome da deusa *Khau*, que costumava criar confusão no Olimpo grego? Há quem diga que a palavra *cueca* tenha origem na remota pré-história, que a palavra *ovo* tenha tido sua origem no México pré-hispânico, e que as girafas gostem de dançar fado...

Em *Abracadabra: de onde vêm as palavras?*, Ilan Brenman nos propõe um jogo bastante divertido: cria uma série de histórias fictícias que se propõe a explicar, de maneira inventiva, bem-humorada (quase estapafúrdia), o surgimento de uma determinada palavra. Ao final do livro, em um glossário, apresenta ao leitor a verdadeira etimologia das palavras do livro, bem como as referências históricas e geográficas do texto. Ao optar por esse jogo aparentemente simples, faz o leitor se dar conta de que as palavras não são entidades únicas – elas costumam se misturar com outras para criar insuspeitados sentidos. Ainda que se trate de histórias inventadas, elas evocam a maneira curiosa com que vocábulos e significações mudam à medida em que os povos e seus costumes se transformam e migram. A origem de uma palavra corriqueira pode estar em um vocábulo usado em uma terra bastante longínqua, em uma língua e uma concepção de mundo bastante diferente. Pensar nisso nos leva a dar-nos conta de que uma língua não é um conjunto de códigos isolado, mas um organismo vivo que se contamina (e contagia) com as outras línguas, incorporando mutações que nos fazem pensar nos fluxos de pessoas, informações e ideias que povoam o mundo, a despeito de todas as muitas diferenças entre linguagens e nações.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: conto infantil.

Palavras-chave: palavra, etimologia, história, civilizações, humor.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Geografia.

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Diversidade cultural.

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental).

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. Qual poderia ser a relação entre o título e a ilustração? O que será que essa girafa estaria fazendo com uma lâmpada na boca? Veja se os alunos se lembram de que a imagem da lâmpada acesa evoca, no imaginário popular, o momento em que surge uma ideia.

2. Reflita com a turma a respeito da primeira palavra do título do livro. O que as crianças entendem por *abracadabra*? Em que circunstâncias essa palavra costuma ser pronunciada? Deixe que falem um pouco sobre sua familiaridade com o vocábulo e em seguida proponha que consultem diferentes dicionários.

3. A segunda parte do título é uma pergunta: De onde vêm as palavras? Será que os alunos já pensaram a respeito? Estimule as crianças a criar livremente suas hipóteses sobre o assunto.
4. Leia com a turma o texto da quarta capa do livro, que apresenta o jogo proposto pela narrativa: o autor apresenta origens inventadas de determinadas palavras, e o leitor pode descobrir sua verdadeira etimologia no glossário ao final.
5. Leia com os alunos o texto de abertura do livro, em que Ilan Brenman, de maneira poética e lúdica, conversa com os jovens leitores a respeito da natureza mutante e plástica da linguagem. Por que será que, segundo o autor, as gírias seriam uma prova da natureza viva da linguagem? Proponha aos alunos que, em grupos, façam um glossário das gírias que conhecem e que costumam usar.

Durante a leitura

1. No texto de abertura do livro, o autor explica aos leitores como funciona o jogo que propõe: criar narrativas fictícias que explicam o surgimento de diferentes palavras. Ressalte que a palavra cuja origem está sendo imaginada, a cada caso, é aquela que aparece em letras maiúsculas coloridas, dando título a cada um dos contos.
2. Ainda no texto de abertura, Ilan Brenman comenta: “Vocês vão notar que minha inspiração é o som: divido a palavra em dois, três, quatro pedaços, repito as sílabas em voz alta, e a mágica acontece!” Proponha aos alunos que estejam atentos para o momento de cada história em que as sílabas da palavra título vêm à tona.
3. Veja se os alunos percebem como as explicações inventadas nunca são inteiramente aleatórias: elas sempre tomam como ponto de partida para suas hipóteses uma ou mais palavras que possuam uma sonoridade semelhante à da palavra que está sendo investigada.
4. À medida que forem lendo os contos, estimule as crianças a consultarem o glossário ao final do livro intitulado “Algumas verdades sobre palavras, personagens e localidades” para descobrir a verdadeira origem de cada uma das palavras explicadas de modo irreverente pelo autor.
5. De modo bem-humorado, o autor situa a origem de cada uma das palavras que servem de mote aos contos em um tempo histórico e em um local diferente. Diga aos alunos que tomem nota das referências espaciais e temporais que contextualizam cada uma dessas engraçadas histórias. Em que país ou região do mundo cada uma delas acontece? Em que época?
6. Chame atenção da turma para as coloridas ilustrações que acompanham o texto. De que maneira elas remetem à história que está sendo contada?

Depois da leitura

1. Traga um dicionário de etimologia para mostrar para a classe e ensine os alunos a consultá-lo. Proponha um jogo para que eles

criem narrativas inspiradas nos contos do livro: a) cada criança deve escrever num papel uma palavra cuja origem lhe desperte curiosidade; b) o professor deve recolher os pedaços de papel dobrados e oferecê-los aos demais alunos; c) proponha que, inspirando-se nas histórias de Ilan Brenman, escrevam uma narrativa que possa explicar o surgimento da palavra em questão, detalhando como se deu a combinação de cada uma das sílabas. Desafie-os a imaginar em que lugar do mundo e em que época essa palavra poderia ter surgido; d) por fim, uma vez escrito o conto, deixe que consultem o dicionário etimológico ou a internet para descobrir a verdadeira origem da palavra. Organize uma publicação com os contos escritos pelos alunos.

2. Para conversar um pouco mais sobre o assunto, leia com a turma o texto *Etimologia, o que é isso?*, disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/>> (acesso em: 10 jun. 2019), que compara as palavras a seres vivos que nascem, se desenvolvem, têm seu apogeu e por vezes morrem – e adverte para o fato de que a etimologia pode ser uma atividade deliciosamente viciante. Em seguida, sugira aos alunos que leiam outros textos desse inventivo *blog*, que nos apresenta a origem de inúmeras palavras interligadas em forma de bem-humoradas crônicas narrativas – na seção *lista das palavras*, é possível escolher uma palavra e ler o texto em que sua origem é explorada.

3. Traga para ver com a turma algumas reproduções de obras de Franz Post, o pintor holandês que chegou ao Brasil em pleno século XVII e costumava retratar em suas telas paisagens do nordeste brasileiro, e que serviu de inspiração para que Ilan Brenman criasse o personagem fictício do botânico Frans Post. Em seguida, para que conheçam um pouco do mundo da ilustração botânica, apresente para eles o *site* <<http://florabrasiliensis.cria.org.br/opus>> (acesso em: 10 jun. 2019), pelo qual é possível ter acesso a inúmeras ilustrações de plantas da flora brasileira catalogadas no século XIX pelo naturalista alemão Carl Friedrich Phillip van Martius, que chegou ao Brasil com a corte da Imperatriz Leopoldina.

4. No conto *Cueca*, Ilan Brenman narra a história de um garoto pré-histórico que vivia nas terras do Piauí. Nesse estado se localiza o Parque Nacional da Serra da Capivara, onde se encontra o sítio arqueológico com maior concentração de pinturas rupestres de todo o continente americano. Comente com os alunos como a descoberta das pinturas das cavernas do Piauí revolucionou todas as teorias que até então imperavam a respeito da chegada do homem pré-histórico ao continente americano.

5. Para que os alunos saibam um pouco mais a respeito da obra de Platão, o filósofo grego a que o autor faz referência no conto *Calma*, sugerimos a leitura da versão da célebre *Alegoria da Caverna* criada pelo cartunista brasileiro Mauricio de Souza, protagonizada por seu personagem Piteco, que vive na pré-história. Leia os quadrinhos com a turma, disponíveis em: <<https://livrepensamento.com/2014/02/11/o-mito-da-caverna-de-platao-em-quadrinhos/>>

(acesso em: 10 jun. 2019) e converse sobre a narrativa com as crianças. Por que será que os três senhores resistiam tanto a sair da caverna? O que será que Mauricio de Souza quer dizer, quando termina com três personagens sentados no sofá, diante da televisão?

LEIA MAIS...

DO MESMO AUTOR E SÉRIE

- *De onde vêm os nomes?* São Paulo: Moderna.
- *O que escondem as palavras?* São Paulo: Moderna.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *Vogueira*, de Ana Lasevicius, Gabriel Perissé. São Paulo: Moderna.
- *Consoanteira*, de Ana Lasevicius, Gabriel Perissé. São Paulo: Moderna.
- *Pé de cá-dáblu-ípsilon*, de Ana Lasevicius, Gabriel Perissé. São Paulo: Moderna.
- *Paca, tatu e cotia! Glossário ilustrado de tupi*, de Mouzar Benedito. São Paulo: Melhoramentos.
- *O livro das línguas*, de Ruth Rocha e Otávio Roth. São Paulo: Melhoramentos
- *O livro da escrita*, de Ruth Rocha e Otávio Roth. São Paulo: Melhoramentos.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!